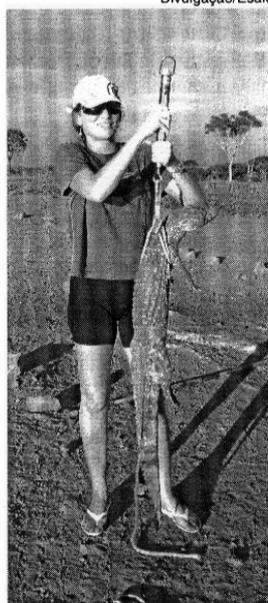


## Esalq estuda genética de crocodilianos

O laboratório de Ecologia Animal e o laboratório de Biotecnologia Animal da Esalq/USP coordenam estudo da biologia, manejo e conservação de crocodilianos brasileiros. Técnicas de genética molecular fornecem, atualmente, estimativa do número de formas distintas que habitam uma área, bem como medidas de quão diferentes elas são. Dentre estas técnicas, o sequenciamento de DNA, aliado à análise de seqüências microssatélite, geram informações potencialmente capazes de evidenciar a variação contida entre indivíduos. “Esta é uma ferramenta excelente para ser utilizada em análise filogenética, diferenciação interespecífica e intraespecífica”, afirma Priscilla Villela, bióloga que defendeu mestrado e doutorado em Ecologia Aplicada da Esalq.

Em sua tese “Caracterização genética das espécies de crocodilianos no Brasil”, orientada pelo professor Luiz Lehmann Coutinho, do departamento de Zootecnia (LZT), a pesquisadora trabalhou com as seis espécies de jacarés que existem no Brasil: *Paleosuchus palpebrosus* (jacaré-paguá), *Paleosuchus trigonatus* (jacaré-coroa), *Melanosuchus niger* (jacaré-açu), *Caiman crocodilus* (jacaré-tinga), *Caiman yacare* (jacaré-do-pantanal) e o *Caiman latirostris* (jacaré-de-papo-amarelo).

Um aspecto importante da conservação da biodiversidade é a formulação de leis de controle do uso, comércio e exportação de produto de animais. A identificação correta dessas espécies é de fundamental importância para a escolha de métodos de controle mais adequados. “O problema com crocodilianos é que existem espécies próximas cujo comércio é legalizado ou a espécie protegida pode ser comercializada se proveniente de cultivo. Nesses casos, as fazendas de cultivo podem ser usadas para a legalização fraudulenta das espécies protegidas. Já se observou que a comercialização mundial de peles de



Divulgação/Esalq

**Priscilla, responsável pelo mapeamento dos crocodilianos**

jacaré (gênero *Caiman*) é superior a um milhão de pele por ano, das quais apenas a metade vem de fontes legalizadas”, relata a pesquisadora.

Desde 2004, a bióloga percorreu pontos extremos da distribuição de jacarés no país. Trabalhou no banhado do Taim, estação ecológica composta de lagoas e banhados costeiros no sul do Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Norte, as análises ficaram centradas em Natal. A leste, pesquisou na Ilha do Cardoso, no litoral sul do Estado de São Paulo, como referência a oeste, os estudos foram na região de Bonito (MS) e a distribuição central focou a região de Piracicaba.

“O mérito deste mapeamento pode ser apontado sob duas perspectivas. É possível agora entendermos os padrões genéticos e, a partir disso, propormos medidas de conservação da espécie e, além disso, a pesquisa viabiliza o manejo reprodutivo das colônias em cativeiro com qualidade genética”, avalia Luciano Verdade, professor do departamento de Ciências Biológicas da Esalq e co-orientador do projeto.